A luta do homem contra o tempo em *A Casa de Pequenos Cubinhos* (2009), *Resposta ao Tempo* (1998) e outras artes: uma sequência didática a partir do multiletramento para o ensino de Literatura e Arte

The man's struggle against time in *House of Small Cubes* (2009), *Resposta ao Tempo* (1998), and other arts: a didactic sequence based on multiliteracies for the teaching of Literature and Art

La lucha del hombre contra el tiempo en *la casa de Los Pequeños Cubos (2009), Resposta ao Tempo* (1998) y otras artes: una secuencia didáctica a partir del multialfabetismo para la enseñanza de la Literatura y el Arte

DOI: 10.54033/cadpedv23n1-145

Originals received: 12/5/2025
Acceptance for publication: 12/30/2025

Kayron Kaic da Silva Sousa
Mestrando em Literatura
Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
Endereço: Imperatriz, Maranhão, Brasil
E-mail: kayronnkaic@gmail.com

Léo Daniel da Conceição Silva
Mestrando em Literatura
Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
Endereço: Imperatriz, Maranhão, Brasil
E-mail: leodanielsilva@gmail.com

Maria da Guia Taveiro Silva
Doutora em Linguística
Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
Endereço: Imperatriz, Maranhão, Brasil
E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br

RESUMO

O artigo propõe uma análise profunda do curta-metragem *A Casa de Pequenos Cubinhos* (2009), utilizando a obra de Bachelard sobre a água e os sonhos como base teórica, para explorar temas como memória, identidade e o tempo. A partir

da representação simbólica das águas, o texto aborda como o protagonista, ao mergulhar em busca de seu charuto, acaba redescobrindo aspectos de sua própria vida e resgatando memórias perdidas. A reflexão se expande para a solidão na velhice, com ênfase na perda e na reconstrução da memória. O artigo também compara o filme com obras literárias, como *Ciranda de Pedra*, e estabelece conexões entre o curta e a música *Resposta ao Tempo*, refletindo sobre a resistência ao tempo e a nostalgia. A proposta pedagógica apresentada no final visa desenvolver nos alunos uma leitura crítica das imagens e uma compreensão mais profunda sobre como o tempo e a memória são representados no cinema.

Palavras-chave: Memória. Cinema. Arte. Multiletramento.

ABSTRACT

The article proposes an in-depth analysis of the short film *House of Small Cubes* (2009), using Gaston Bachelard's work on water and dreams as its theoretical foundation to explore themes such as memory, identity, and time. Through the symbolic representation of water, the text examines how the protagonist, when diving in search of his pipe, ends up rediscovering aspects of his own life and recovering lost memories. The reflection extends to loneliness in old age, with an emphasis on loss and the reconstruction of memory. The article also compares the film with literary works, such as *Ciranda de Pedra*, and establishes connections between the short film and the song *Resposta ao Tempo*, reflecting on resistance to time and nostalgia. The pedagogical proposal presented at the end aims to develop students' critical reading of images and a deeper understanding of how time and memory are represented in cinema.

Keywords: Memory. Cinema. Art. Multiliteracies.

RESUMEN

El artículo propone un análisis profundo del cortometraje *La casa de los pequeños cubos* (2009), utilizando la obra de Gaston Bachelard sobre el agua y los sueños como base teórica para explorar temas como la memoria, la identidad y el tiempo. A partir de la representación simbólica del agua, el texto analiza cómo el protagonista, al sumergirse en busca de su pipa, termina redescubriendo aspectos de su propia vida y rescatando recuerdos perdidos. La reflexión se amplía hacia la soledad en la vejez, con énfasis en la pérdida y la reconstrucción de la memoria. El artículo también compara el cortometraje con obras literarias, como Ciranda de Pedra, y establece conexiones entre el filme y la canción Resposta ao Tempo, reflexionando sobre la resistencia al paso del tiempo y la nostalgia. La propuesta pedagógica presentada al final tiene como objetivo desarrollar en los estudiantes una lectura crítica de las imágenes y una comprensión más profunda de cómo el tiempo y la memoria son representados en el cine.

Palabras clave: Memoria. Cine. Arte. Multialfabetización.

1 INTRODUÇÃO

O letramento artístico tem um papel fundamental na formação do pensamento crítico e sensível dos indivíduos, permitindo a ampliação das possibilidades de interpretação e expressão, por meio das diversas linguagens artísticas. No contexto educacional, a arte é uma ferramenta essencial e eficaz para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à interpretação e ao exercício da leitura e da criatividade.

Além disso, ao educando, "o trabalho com as linguagens artísticas alarga a visão de mundo do educando e cria possibilidades para a construção de novos saberes, promovendo a sua emancipação" (Silva, 2018, p. 03). E é visando a emancipação e o protagonismo do alunado que explorar produções artísticas como filmes e músicas sob uma perspectiva analítica contribui significativamente para a compreensão das complexas relações humanas.

O curta-metragem japonês *A Casa de Pequenos Cubinhos*[1], dirigido por Kunio Katō, e a canção *Resposta ao Tempo*, de Aldir Blanc, oferecem um rico material para se refletir sobre a relação do homem com o tempo e a memória, que são temáticas exploradas na literatura contemporânea com viés intimista-memorialista. Ambas exploram o impacto das experiências vividas e a inevitável passagem do tempo, utilizando diferentes recursos artísticos para transmitir essa temática. O curta-metragem utiliza uma narrativa visual simbólica para representar a ressignificação do passado, já a música, por sua vez, evoca a efemeridade da vida por meio de sua poesia melancólica e de sua melodia envolvente.

Diante desse cenário, este artigo propõe uma sequência didática voltada para o ensino da literatura intimista, lançando mão de *Resposta ao Tempo* e *A Casa de Pequenos Cubinhos* como objetos de estudo, além de apoiar-se em outras artes, como a literatura, para enriquecer o arcabouço referencial. A abordagem teórica se debruça no estudo dos multiletramentos – a partir de

[1] Título original: *Tsumiki No Ie*

Roxane Rojo (2012) e Wallace Rodrigues (2014) – e no que concerne ao estudo sobre a representação literária da água – a qual funciona quase como um personagem na obra audiovisual – utiliza-se Bachelard (1997). A abordagem metodológica busca incentivar a interpretação crítica e subjetiva dos alunos, promovendo um diálogo entre literatura, cinema e música. Assim, a partir dessa experiência, pretende-se evidenciar como diferentes formas de arte podem contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa e reflexiva sobre o tempo e suas implicações na experiência humana.

2 ARTE E MULTILETRAMENTOS

A arte é um eficaz instrumento para promover a representação social e, em suas diversas manifestações, tem acompanhado a humanidade ao longo da história, servindo tanto como meio de expressão quanto como forma de compreensão do mundo. No contexto educacional, a inserção da arte no processo de aprendizagem não se limita ao desenvolvimento de habilidades técnicas, mas possibilita uma leitura mais ampla da realidade, promovendo reflexões sobre identidade, cultura e subjetividade.

Assim, além de enriquecer suas percepções e experiências estéticas, o letramento artístico encerra em si a essência para que os indivíduos interajam de forma mais crítica e sensível com as manifestações artísticas, possibilitando, também, uma leitura mais apurada de suas realidades. Acerca disso, Rodrigues (2014, p. 93) ressalta que “é importante compreender que, da mais simples imagem a um comercial de televisão, pode-se promover uma análise em termos de alfabetização e letramento” evidenciando o caráter cotidiano do letramento.

O letramento artístico, surge a partir da teoria dos multiletramentos, cujo contexto de origem, segundo Rojo (2012, p. 12), se deu em 1996, “resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunidos em Nova Londres [...] após uma

semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies — Designing Social Futures*[2]".

A inquietação dos pesquisadores surge a partir da percepção de que o alunado possuía ferramentas e mídias de acesso à informação mais tecnológicas e ainda não tão exploradas. Dessa forma, estimulou-se o desejo de conhecer e utilizar tais ferramentas. Rojo, por sua vez, além de explicar o contexto de surgimento do multiletramento, também apresenta sua caracterização e sua diferença do letramento. Segundo a autora:

> Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos — é bom enfatizar — aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo, 2012, p. 13).

Posteriormente, ao definir como funcionam os multiletramentos, Rojo estabelece uma série de características que devem ser levadas em consideração quando trata-se dos multiletramentos. Ela elenca que

> a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (Rojo, 2012, p. 23)

Vê-se, portanto, que Rojo aponta que os multiletramentos possuem características interativas, colaborativas, híbridas e transgressoras das relações de poder estabelecidas. Esses aspectos são fundamentais para compreender a forma como a arte e a educação podem promover novas maneiras de se apropriar do conhecimento.

A interatividade e a colaboração, citadas pela autora, permitem que os indivíduos participem ativamente da construção de significados, enquanto a hibridez favorece a fusão de diferentes linguagens e modos de comunicação.

[2] "Uma pedagogia dos multiletramentos — desenhando futuros sociais" (Tradução nossa)

Além disso, elas são essenciais para o entendimento dos multiletramentos e sua relação com a arte. Esse processo não apenas estimula a criatividade dos alunos, mas também os engaja em uma aprendizagem significativa, conectada com as linguagens e mídias que fazem parte de seu cotidiano.

Já a transgressão das relações de poder sugere uma descentralização do conhecimento, possibilitando novas perspectivas e leituras sobre o mundo. Sobre isso, Rodrigues (2014, p. 95) acredita que o público leitor, com essas novas perspectivas, torna-se protagonista e capaz de negociar os significados que lhes são apresentados. E a escola, por outro lado, é uma facilitadora desse processo.

3 *A CASA DE PEQUENOS CUBINHOS*: LIRISMO E ECOCINE

O curta-metragem vencedor do Oscar de Melhor animação em 2009, *A casa de pequenos cubinhos,* tem direção de Kunio Katō e apresenta uma trama a partir de elementos que primam por um olhar poético e visualmente simbólico sobre memória, tempo e resiliência. Alicerçado em uma estética delicada e um enredo sem diálogos, a obra conduz o espectador por uma jornada intimista na vida de um idoso que, ao longo dos anos, construiu sucessivos andares em sua casa para escapar da elevação das águas que inundam a cidade.

Medeiros e Camargo (2017) destacam, ainda, a importante relação que a obra faz com a representação de questões climáticas, para eles “a devastação dos ecossistemas afeta a toda a humanidade, entretanto ela se faz sentir de modo mais direto em alguns pontos do planeta (no exemplo da elevação do nível das águas, nas regiões litorâneas e de baixa altitude)” (p. 60), que é o que é retratado no curta de Katō.

Além disso, os autores apontam também para a abordagem Ecocine feita no curta. Quando se comenta acerca de questões ecológicas, geralmente, se faz em uma ótica isolada, na obra, porém, “o enredo foi construído de modo a gerar empatia, potencializando o interesse do público pela vida do protagonista, trazendo à tona a universalidade do tema” (Medeiros; Camargo, 2017, p. 60).

Partindo do pressuposto de que este artigo é também uma proposta pedagógica de leitura, discussão e abordagem, será adentrado nos pormenores do curta-metragem buscando uma análise mais completa e integral do objeto de estudo. A partir da leitura de imagem e contexto, será apresentada uma leitura particular sobre personagem, conflito e incidente incitante, após isso, far-se-á algumas ponderações e levantamentos levando em consideração o multiletramento a partir de um objeto de estudo.

3.1 O PERSONAGEM

No livro *Espera passar o avião* (Cafiero, 2018), o narrador inicia o capítulo sete comentando sobre a importância da exposição inicial e dos 15 minutos inicias do filme. Sobre isso, ele afirma:

> [...] porque a primeira virada precisa estourar nos primeiros quinze minutos, máximo vinte, para evitar aquela ida ao banheiro, ou que alguém saia falando mal, que o filme é interessante, até que é, mas demora a decolar. Quinze minutos, portanto. A tarefa do roteirista, depois, disso, será esmiuçar as consequências da virada (p. 99).

A ponderação no livro de Flávio Cafiero é uma regrinha de ouro para quem produz filmes, no entanto, quando se trata de curta-metragem, não há como aplicar essa regra, visto que, na maioria das vezes, quinze minutos é a duração de um curta em sua totalidade. Assim, nos minutos inicias (de um a cinco) o curta-metragem precisa prender o espectador e fazer com que ele sinta interesse naquela história, além de revelar do que a trama trata.

No curta de Katō, nos segundos iniciais já há uma sugestão imagética muito clara acerca da temática central. Na figura 1, é possível ver alguns quadros pendurados na parede. Em alguns deles, como no retrato oval, ao centro, vê-se uma mulher com um bebê no colo, em outros já é possível se ver uma família composta por um homem, uma mulher e uma criança. Toda a estética, não só da moldura dos retratos, mas da própria fotografia em tons de sépia, já nos apontam para algo antigo.

Figura 1. Cena inicial de *A Casa de Pequenos Cubinhos*



Fonte: Youtube[3]

A sugestão imagética inicial se concretiza quando é apresentado um plano aberto e é possível perceber que no centro de uma sala, há um homem idoso, conforme figura 2. Outro aspecto interessante deste momento, é que o próprio filme imprime a sensação de se estar vendo uma fotografia antiga quando opta por colocar uma borda mais escurecida, causando identificação com as bordas das fotografias expostas na parede na cena anterior.

Figura 2. Cena em que o protagonista aparece pela primeira vez.



Fonte: Youtube[4]

Nota-se que o cômodo abriga uma espécie de quarto e sala, e não é tão bem iluminado. Há uma lâmpada e há duas janelas que iluminam, principalmente, o espaço em que o protagonista, um homem idoso, está sentado

[3] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.
[4] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.

confortavelmente. Se o espectador reparar bem, a construção do quarto remete à uma famosa pintura de Van Gogh, *O quarto em Arles* (1888).

Tanto no curta-metragem quanto na pintura de Van Gogh, há uma cama de solteiro no canto e cadeiras dispostas. O ângulo de *A casa de pequenos cubinhos* é semelhante ao ângulo de *O quarto em Arles.* Além da utilização das cores: vermelho e verde (no filme, estão na roupa do protagonista; no quadro, estão na janela e no lençol da cama). E por falar em janela, nas duas obras há a presença de janelas que são muito similares.

Logo em seguida, após apresentar esse personagem, que é um homem idoso e que está sozinho olhando para quadros da parede, o espectador contempla um momento de lazer, – conforme a figura 3 – o homem abre uma espécie de galpão, joga uma vara de pesca e começa a pescar da sala de sua casa.

Figura 3. Cena em que o protagonista aparece pescando



Fonte: Youtube[5]

Essa cena, abre espaço para muitas dúvidas de quem está assistindo, inclusive sugere questionamentos. Por qual razão ele está pescando no meio da sala? Como ele consegue pescar? Onde ele vive? O que aconteceu com a suposta esposa e filha? Todos esses questionamentos nos levam para a próxima parte do filme: O conflito.

[5] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.

3.2 O CONFLITO

Depois da situação inicial do curta, apresentam-se duas sequências de cenas que fazem o espectador responder às perguntas anteriores. As cenas – figuras 4 e 5 – apresentam o conflito em que o personagem protagonista está inserido.

Figura 4. Cena da casa submersa.



Fonte: Youtube 6

Figura 5. Cena do protagonista despertando



Fonte: Youtube7

Na figura 4, fica claro para quem assiste que o grande problema da trama é justamente o fato de que, com as mudanças climáticas, houve o alagamento da região retratada no filme, dessa forma, a cidade está submersa e poucas são as moradias que ali permanecem. Já na figura 5 o conflito parece se intensificar: quando o personagem levanta e coloca os pés para fora da cama, e sente que a água subiu mais um pouco, de modo que a casa já começa a ser inundada.

Essa situação leva de volta ao título da obra, de modo que se compreende o porquê do curta se chamar *A casa de pequenos cubinhos*. Na cena que segue, após a da figura 6, ele começa a pregar bloquinhos com cimento (figura 6), com

[6] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.
[7] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.

o objetivo de subir um pouco mais a sua casa e escapar da inundação. Com isso, o espector descobre como ele conseguiu resistir às inundações até aquele momento: cada vez que a água sobe, ele também sobe sua casa.

Figura 6. Cena em que o protagonista utiliza bloquinhos para “subir” sua casa



Fonte: Youtube[8]

Certo, a água subiu e ele aumentou a casa, conflito resolvido? Até aquele momento, sim. No entanto, além do conflito, há um incidente incitante, que é o propulsor para as complicações progressivas que irão se suceder.

3.3 INCIDENTE INCITANTE

O incidente incitante que muda a (já não natural) ordem das coisas, ocorre quando ele está fazendo sua mudança. Em um barquinho, ele coloca objetos para levar para o novo andar construído, no entanto, desequilibra-se e deixa cair o seu cachimbo (conforme 7). Cachimbo este que estava em sua companhia em todas as outras sequências do filme.

[8] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.

Figura 7. Cena em que o cachimbo do protagonista cai



Fonte: Youtube[9]

Figura 8. Cena em que ele decide procurar seu cachimbo



Fonte: Youtube[10]

Na figura 7, além do cachimbo voando, é possível observar o cômodo já tomado por água e alguns objetos boiando nas águas. A figura 8 representa uma cena que é decisiva. É a partir dela que a história caminha para o seu clímax. Nela consegue-se ver que o cômodo está um pouco mais apertado, indicando que a cada novo andar construído, menor o espaço que o protagonista tem ao seu dispor. Na figura, ele está com vestes de mergulhador e, acoplado às suas costas, carrega um tubo cilíndrico de oxigênio para respirar enquanto está embaixo da água. Assim, ele decide mergulhar. O que o aguarda embaixo das águas?

[9] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.
[10] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 16 Fev 2025.

4 DO MERGULHO, ALGUMAS PONDERAÇÕES

Bachelard (1997) comenta na obra *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria,* duas coisas importantes para se tomar nota, ao destacar a presença das águas profundas. A primeira delas é que “nessa contemplação [de águas] em profundidade, o sujeito toma também consciência de sua intimidade” (p. 53), como se a contemplação das águas profundas fosse também uma contemplação de si. A segunda ponderação importante é a de que “a água já não é uma substância que se bebe; é uma substância que bebe; ela engole a sombra como um xarope negro” (Bachelard, 1997, p. 57). Portanto, a água profunda é que *bebe* o sujeito, engolindo-o e engolindo a sombra que o acompanha, ressignificando e trazendo um novo senso de si.

E é partindo desses conceitos que esse artigo se propõe a observar o mergulho feito pelo protagonista. Depois da apresentação do personagem, do conflito e do incidente incitante, acompanhamos o mergulhar deste homem idoso em busca de seu charuto, mas que, no entanto, encontra-se a si mesmo. A leitura realizada aqui, põe sobre os olhos a definição de Bachelard e faz um *link* com citações literárias que exemplificam com as palavras que faltam no curta, por ser um filme mudo, esse despertar interno do personagem.

4.1 “EU TINHA ME PERDIDO E ME ACHEI OUTRA VEZ” | O RESGATE DA MEMÓRIA

No livro *Cirande de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, a protagonista Virgínia passa a primeira parte da obra flutuando em todas as suas relações. Flutua com suas irmãs, com o seu pai, flutua com sua mãe doente e o namorado da mãe, com os amigos e flutua com os desejos do primeiro amor. Sentindo-se arrastada para fora de todas os relacionamentos que vive na pré-adolescência, Virgínia não entende onde é que está o seu lugar no mundo.

Em determinado momento da obra, já na segunda parte, depois de um período de tempo, que faz com que Virgínia seja mais confiante em si, ela analisa em retrospecto a sua pré-adolescência e diz: “eu tinha me perdido e me achei

outra vez. Foi uma onda enorme que me envolveu inteira, me afogou" (Teles, 2009, p. 198). A analogia da água que arrasa, envolve inteira e afoga Virgínia, pode facilmente ser abordada em paralelo com as águas reais que avançam e tentam afogar o protagonista do curta em questão.

Fugindo dessa água que envolve e afoga, o personagem acaba fugindo de si. Durante o mergulho, ao reconhecer os espaços outrora habitados por ele, há também um sentimento de identificação e de resgate de memórias que já estavam adormecidas – ou envolvidas/afogadas pelas águas. Na figura 9, há uma memória vislumbrada após o reconhecimento do espaço em que ele já morou um dia.

Figura 9. Memória do protagonista e sua esposa.



Fonte: Youtube[11]

Na cena em questão, o vemos cuidando da esposa doente, o que o leva a depreender que aquele espaço em que ele estava visitando foi onde ele teve sua última memória com a esposa que, provavelmente, já está falecida. As cenas que correspondem às memórias dele, possuem um tom mais amarelado, o que torna a identificação dessas cenas mais clara.

Mergulhando mais profundamente e indo em direção aos andares inferiores, ele tem a lembrança de uma criança brincando com alguns brinquedos, o que remete ao espactador do quadro lá do início do filme em que é possível ver uma mulher segurando uma criança e também um outro quadro com uma família composta por um homem, uma mulher e uma criança.

[11] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 18 Fev 2025.

Uma outra cena importante de ser mencionada é a da memória que ele tem do primeiro encontro com aquele que se tornou sua esposa. Na figura 10, vê-se uma árvore no centro e o protagonista, ainda criança, brincando ao redor da árvore com outra criança (a sua futura esposa).

Figura 10. Cena em que o protagonista relembra do primeiro encontro com sua esposa.



Fonte: Youtube[12]

4.2 A SOLIDÃO DA PESSOA IDOSA

Desde a primeira cena de *A casa de pequenos cubinhos*, o que mais chama a atenção é o fato de que o protagonista é o único personagem da trama naquele espaço. O fato de ele ser um homem idoso e da história iniciar a partir da evocação de memórias – a partir das fotografias na parede – desperta no espectador uma forte percepção da solidão. No que concerne à saúde, Araújo e Alves *et al.* (2024), esclarecem que

> A solidão pode apresentar aspectos multifatoriais e ser vivenciada em qualquer fase da vida, desde a infância ao envelhecimento. Neste sentido, o ser humano com o passar dos anos é exposto a situações de ganhos e perdas, escolhas e consequências durante sua construção pessoal (p. 02).

Tal afirmação, além de trazer o ponto de vista de pesquisadores da área da saúde, também corrobora para a construção do personagem do filme de Katō. À medida que ele vai mergulhando e voltando aos antigos andares, outrora por ele habitados, memórias e imagens vão retornando. O público, por sua vez,

[12] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 18 Fev 2025.

começa a ter um entendimento da trajetória dele. Nas figuras 11 e 12 há dois exemplos que servem para ilustrar a solidão do protagonista

Figura 11. Protagonista e sua esposa.



Fonte: Youtube[13]

Figura 12. Os pais, a filha e seu companheiro.



Fonte: Youtube[14]

Na figura 11, o casal de idosos vive juntos enquanto realizam atividades cotidianas, já na figura 12, que é uma memória mais antiga que a da 10, há uma conotação de que a filha do casal está saindo de casa com seu companheiro e está a se despedir dos pais. As duas situações corroboram com o pensamento da representação da solidão da pessoa idosa dentro da obra. Primeiro, a filha vai embora viver sua vida, depois, somente o casal de idosos partilha a vida sozinhos e, por fim, já fora das memórias e na realidade atual, o homem mora sozinho enquanto luta contra as águas que tentam expulsá-lo, o obrigando a subir outro andar.

[13] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 18 Fev 2025.
[14] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js> Acesso em: 18 Fev 2025.

5 *HÁ FOLHAS NO MEU CORAÇÃO, É O TEMPO*: A RESISTÊNCIA E A LUTA CONTRA O TEMPO EM *A CASA DE PEQUENOS CUBINHOS* À LUZ DE *RESPOSTA A TEMPO*

A canção *Resposta ao Tempo* (1998), composta por Aldir Blanc e Cristovão Bastos, apresenta uma sofisticada reflexão sobre a passagem do tempo, bem como seus efeitos sobre a memória e os sentimentos. Com uma melodia melancólica e uma letra poética, a música personifica o tempo como uma entidade implacável, que apaga lembranças e transforma emoções. Assim como na obra audiovisual.

A abordagem subjetiva e metafórica da canção, permite uma análise aprofundada dos mecanismos da nostalgia e da efemeridade, temáticas recorrentes na literatura. Pensando em uma abordagem a partir dos estudos de literatura comparada, é possível estabelecer uma relação entre a canção – eternizada na voz de Nana Caymmi – e o curta metragem.

Antes de qualquer coisa, é importante tomar nota do espaço em que a história se passa. Quando o homem velho mergulha, o público consegue ver que, a cada novo andar, a casa dele aumentava em largura, no entanto, em determinado ponto, cada novo andar diminui em largura. O que é muito significativo, pois, de início, a família do personagem vai crescendo e posteriormente vai diminuindo, assim como sua expectativa de vida. Quanto mais a água sobre, menor é o espaço que ele constrói e mais velho ele fica.

Na música em questão, quando é dito que “Mas fico sem jeito calado, ele ri/ Ele zomba do quanto eu chorei/ Porque sabe passar/ E eu não sei” (Blanc; Bastos, 1998), o tempo assume uma postura personificada que zomba e debocha do eu-lírico. Ao mesmo tempo que demonstra características importantes desse lírico que se mantém calado e sem jeito, o que pode ser contemplado também no homem velho do curta. Em momento algum é ouvida a sua voz e, dia após dia, ele tenta resistir aos avanços da água.

No que tange ao resgate de memórias, em outro trecho da canção é dito: “Recordo um amor que perdi/ Ele ri” (Blanc; Bastos, 1998), que também é

vivenciado na animação quando ele relembra, no mergulho, daquela que foi sua esposa, mas que ele também a perdeu.

O embate entre o tempo e o eu-lírico fica ainda mais evidente em alguns trechos como: “E gira em volta de mim/ Sussurra que apaga os caminhos/ Que amores terminam no escuro/ Sozinhos” (Blanc; Bastos, 1998). Aqui, há essa representação de uma provocação do tempo para com o homem, girando em volta e provocando em meio a sussurros, ressaltando o abandono e a solidão. No curta, em volta do homem velho, há apenas águas. Que também é a responsável por apagar os caminhos – que, neste caso, são os andares que ele teve de deixar para trás e, com eles, memórias e lembranças que foram sendo esquecidas – e deixa-lo sozinho. O velho também, no início do filme, está sentado diante de quadros com o quarto sendo iluminado por uma luz fraca – amores terminam no escuro, sozinhos.

Na música, o ponto de virada do embate se dá quando ele responde ao tempo, já no curta, este embate se dá quando ele chega ao térreo, olha todos os andares construídos e que ele percorreu se enchendo de lembranças e decide retornar ao último andar construído já com uma outra postura. Na canção, o eu lírico reage: “Respondo que ele aprisiona/ Eu liberto/ Que ele adormece as paixões/ Eu desperto./ E o tempo se rói/ Com inveja de mim/ Me vigia querendo aprender/ Como eu morro de amor/ Pra tentar reviver” (Blanc; Bastos, 1998).

Nessa reação, ele vira a luta ao seu favor, mostrando que se o tempo se acha poderoso por aprisionar, ele é ainda mais, pois liberta. E, assim como no curta, o tempo/a água adormece as paixões, mas ele desperta – o que é feito pelo idoso ao recordar das memórias antigas, trazendo-as para além do quadro e despertando-as dentro de si. Na conclusão do trecho, o tempo, corroído pela inveja, observa o homem que celebra a liberdade e o amor conquistados. No curta, o homem velho, já de volta ao último andar, abre uma garrafa de vinho e celebra, ressaltando, por fim, (Blanc; Bastos, 1998) que o tempo é uma eterna criança que não soube amadurecer. Como quem diz “Eu posso e ele não vai poder me esquecer” (Blanc; Bastos, 1998).

6 LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS, ECOLOGIA E MULTILETRAMENTOS EM *A CASA DE PEQUENOS CUBINHOS*: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Objetivos:

- Desenvolver a leitura crítica de imagens e narrativas audiovisuais;
- Relacionar elementos visuais e simbólicos do curta-metragem *A Casa de Pequenos Cubinhos* com aspectos da literatura e da arte;
- Explorar os conceitos de memória, identidade, espaço, ecologia e tempo a partir da análise do filme;
- Trabalhar estratégias de multiletramentos na compreensão da linguagem cinematográfica.

Público-alvo: Estudantes do Ensino Fundamental II ou Ensino Médio, especialmente em aulas de Literatura, Arte e Língua Portuguesa.

Etapas da Sequência Didática:

1. **Introdução ao Tema**
   - Iniciar a aula com uma discussão sobre a importância das imagens na comunicação;
   - Perguntar aos alunos: "Como as imagens podem contar histórias sem palavras?";
   - Exibir trechos de curtas-metragens mudos para estimular a percepção visual.
2. **Exibição do Curta-Metragem**
   - Apresentar *A Casa de Pequenos Cubinhos* (*Tsumiki no Ie,* 2008);
   - Solicitar que os alunos anotem elementos visuais marcantes, emoções suscitadas e possíveis interpretações.
3. **Análise Coletiva e Interpretação**
   - Discutir a narrativa visual: como a história é contada sem diálogos?;
   - Relacionar os cubos da casa ao conceito de memória e passagem do tempo;
   - Identificar cores, enquadramentos e movimentos de câmera que reforçam a emoção da narrativa.

4. **Relacionando com a Literatura e a Arte**
   - Comparar a estrutura narrativa do curta com textos literários que tratam de memória e tempo (ex.: "Dom Casmurro", "O Tempo e o Vento", “Ciranda de Pedra”, “O beijo no rio”);
   - Discutir a relação entre a construção visual do curta e pinturas de artistas como Van Gogh ou Monet.
5. **Relacionando com a Ecocrítica**
   - Levantar aspectos relativos à ecologia dentro da obra e discutir de que forma a obra se insere no espaço da ecocrítica.
6. **Produção Criativa**
   - Propor que os alunos criem uma narrativa visual baseada em suas próprias memórias;
   - Eles podem desenhar, fotografar ou criar um curta-metragem curto utilizando os princípios analisados.
7. **Avaliação e Reflexão**
   - Cada aluno compartilha sua produção e explica suas escolhas;
   - Reflexão sobre o impacto da narrativa visual e sua relação com a literatura.

7 CONCLUSÃO

Em conclusão, *A Casa de Pequenos Cubinhos* se apresenta como uma obra cinematográfica que vai além da simples narrativa de um homem idoso tentando escapar das águas crescentes em sua casa. O filme, que pode, também, ser trabalhado na perspectiva do Ecocine, mergulha profundamente nas questões de memória, identidade e a efemeridade da vida, utilizando a água como metáfora para o tempo implacável que apaga, mas também resgata, o que foi perdido.

Através da jornada do protagonista, o curta se insere em um espaço de reflexão sobre o papel da solidão na velhice e as formas como as memórias, muitas vezes abafadas pela passagem do tempo, podem ser redescobertas e ressignificadas. A relação entre o filme e a literatura, também permite uma leitura

ainda mais rica sobre os processos de amadurecimento e a busca por um sentido de pertencimento. Além disso, a água, como elemento simbólico, se torna um agente de transformação, engolindo e revelando ao mesmo tempo. O embate com o tempo, expressado na música *Resposta ao Tempo*, complementa essa visão ao apresentar a luta contra a inevitabilidade da morte e o poder da memória como forma de resistência.

Ao explorar a profundidade emocional do curta e sua relação com temas literários e artísticos, este estudo evidencia a potência da narrativa visual na construção de significados. *A Casa de Pequenos Cubinhos* nos desafia a reconsiderar a nossa relação com o tempo, a memória e a solidão, oferecendo uma reflexão que vai além do cinema, tocando aspectos universais da condição humana. Por meio dessa análise, é possível perceber a importância do multiletramento no ensino, ao conectar diferentes formas de expressão e possibilitar uma compreensão mais ampla e significativa da arte e da vida.

REFERÊNCIAS

A CASA em pequenos cubinhos (Tsumiki no Ie). Direção: Kunio Kato. Produção: Masanori Kusa Kabe. Música: Kenji Kondo. Tóquio: Robot Communications, 2008. Curta-metragem de animação, 12 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j0YSFvPTm2A. Acesso em: 15 fev 2025.

Araújo, T. M. B. de; Alves K. de L.; Silva A. L. O.; Medeiros R. A. de; TuraL. F. R. Fatores que contribuem para a solidão na pessoa idosa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 9, p. e16572, 18 set. 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/16572/9237> Acesso em: 17 fev 2025.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria / Gaston Bachelarsd; [Tradução Antonio de Pádua Denesi] – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BLANC, A.; Bastos, C. Resposta ao tempo. In: Caymmi, N. **Resposta ao tempo.** São Paulo: EMI Music, 1998.

CAFIERO, Flávio. **Espera passar o avião**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018.

MEDEIROS, André Aparecido; CAMARGO, Marcos Henrique. Entre o Ecocine e o curta-metragem: amor e cuidado em A casa de pequenos cubos. Curitiba: **Revista Dito Efeito**, v. 8, n. 12, p. 58-67, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de> Acesso em: 15 fev 2025.

RODRIGUES, Wallace. Letramento imagético e midiático em arte-educação**.** Niterói: **Conhecimento & Diversidade**, n. 12, p. 90–101 jul./dez 2014.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo, SP: Parábola, p. 11-32, 2012.

SILVA, M. S. M. Arte e tecnologias: letramentos artísticos e linguagens da arte na perspectiva de uma educação emancipatória. In: **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC**, [S. l.], n. 9, 2018. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/9481. Acesso em: 21 fev 2025.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAN GOGH, Vincent. **O quarto em Arles**. 1888. Óleo sobre tela, 72 cm × 90 cm. Museu de Orsay, Paris.